

O projeto da transformação

Felippe Ramos
Sociólogo, diretor do Instituto Surear e pesquisador da Missão do Ipea na
Venezuela
felippe@surear.org

As eleições venezuelanas do dia 07 de outubro de 2012 garantiram uma vitória tão surpreendente quanto fundamental para o presidente Hugo Chávez. Surpreendente pela ampla margem de votos conquistada, dois dígitos à frente do opositor Henrique Capriles Radonski, quando se esperava uma diferença muito mais estreita devido ao crescimento e reorganização da oposição unificada e dos problemas enfrentados pelo governo nos últimos anos. Com 54% dos votos em eleições com recorde histórico de participação (81% do eleitorado) em um país onde o voto não é obrigatório, a vitória de Chávez foi também fundamental, posto que indica que a maior parte dos venezuelanos – eminentemente das classes trabalhadoras – segue defendendo o projeto socialista bolivariano de transformação profunda da Venezuela. Fica claro que mesmo em um momento de dificuldades, questionamentos, reorganização da oposição e enfermidade do líder, a maioria apoia o projeto em curso.

A maioria evidenciada nas urnas e a polarização sócio-política e econômica do país, cujo governo defende um processo revolucionário, pode abrir as portas à radicalização para implementação das políticas no novo mandato do presidente Chávez. Deve-se recordar que desde a redação do Livro Azul, no início da década de 1990, Chávez defendia que o projeto histórico de transformação estrutural e irreversível da Venezuela deveria ser levado a cabo em um prazo de vinte anos. Com o novo mandato alcançando o ano de 2019 e tendo chegado ao poder em 1999, fica clara uma coincidência entre o projeto original e o projeto em curso. A incerteza sobre seu estado real de saúde seria outro elemento que poderia levar o presidente à escolher a radicalização: tratar-se-ia de um “tudo ou nada”, cujo objetivo seria condensar a transformação almejada no menor espaço de tempo possível, caso imprevistos além da política acontecessem antes de 2019. A reorganização da oposição, por fim, poderia ser lida também como uma ameaça latente. Chávez costuma discursar que a cada vez que a burguesia ataca, ele responde com o aprofundamento da revolução bolivariana.

No entanto, há outro elemento político forte no atual estágio do chavismo e da liderança pessoal de Hugo Chávez: a defesa do diálogo. O presidente fez uma campanha chamando à participação de novos atores sociais, de setores da classe média, dos estudantes e da Universidade, dos técnicos capacitados e, inclusive, afirmando-se enquanto a garantia da estabilidade, convocou aos setores produtivos a apoiar seu projeto político. Não é possível saber ainda o quanto este chamado deveu-se ao momento eleitoral e à necessidade de angariar votos, bem como à influência do marketing político de profissionais brasileiros contratados para a campanha, ou se implica de fato em uma tentativa de abertura e

ampliação do chavismo, que vem paulatinamente se estreitando no que concerne às classes sociais acima dos estratos mais baixos (classes médias, intelectuais, setores produtivos capitalistas).

O dilema entre as escolhas postas – o aprofundamento da revolução socialista bolivariana e o chamado ao diálogo com outras classes sociais – não é um fenômeno secundário. Trata-se de um desafio tanto político-estratégico quanto ideológico.

Tendo em vista o objetivo de transformação estrutural e irreversível em vinte anos, a dúvida restaria na questão se não seria melhor aproveitar a maioria atual para impor sobre o conjunto social as políticas mais à esquerda, com fortalecimento das alas mais radicais do chavismo, inclusive as que encontram-se organizadas em outros partidos, para além do PSUV do presidente Chávez. Esta opção implicaria em cerco mais forte à economia capitalista nacional e aos setores econômicos ligados à oposição, com uso mais amplo das expropriações e de outros artifícios que enfraqueçam a capacidade de iniciativa da classe proprietária. Para esta visão, abrir o chavismo poderia ter como consequência a produção de uma hegemonia mais moderada na condução do processo e a inviabilização do plano de implantar um “modo de produção” socialista.

Por outro lado, os baixos níveis de eficiência produtiva, os problemas gerados pelo excesso de voluntarismo e a falta de planejamento impedem a implantação de um modelo produtivo viável e sustentável. Sob o governo Chávez, a dependência venezuelana da renda petroleira ampliou-se, chegando a contar por 95% das exportações do país. A saída paulatina da base de apoio do governo da classe média e dos setores com alta capacidade intelectual e técnica também ajudaram a ampliar as dificuldades do chavismo. A principal universidade do país, a UCV, tornou-se bastião simbólico da oposição. O discurso governamental em defesa da ciência e tecnologia para a independência nacional esbarra na dificuldade objetiva de lidar com os setores que produzem de fato a ciência e a tecnologia no país. Daí que o governo dependa tanto de alianças regionais e extra-regionais (Brasil, Irã, Rússia, China, Bielo-Rússia, Cuba).

Nesta atual fase do processo político, o presidente Chávez, que já foi mais dúbio sobre o rumo do seu projeto, parece ter mais clareza sobre a magnitude do problema. Seu socialismo do século XXI visa justamente a conciliar a transformação estrutural e irreversível com a mais ampla participação de outros setores sociais para além das classes baixas. Se dificuldades existem para levar a cabo este intento, o fato é que nenhuma transformação seria irreversível sem a alteração da estrutura produtiva da sociedade, que vai mais além da promoção do protagonismo das periferias organizadas em conselhos comunais e coletivos ou dos grandes programas sociais do governo. O diálogo, portanto, não é necessariamente um recuo do chavismo, mas uma necessidade para alcançar os próprios fins deste.

Tudo isso, além do mais, realiza-se sob um regime profundamente democrático (representativo, participativo e direto) ainda que com contradições normais que acontecem em qualquer processo político real. Após quatorze anos de governo,

as discussões sobre o que é esse socialismo do século XXI continuam postas para o mundo a partir do exemplo que vem da Venezuela: um excelente laboratório para a esquerda.